

Marcel Powell
honra a tradição da
música preta

PÁGINA 3



França delira com
cinebiografia de
Charles Aznavour

PÁGINA 5



Documentário
traz depoimentos
inéditos de Rita Lee

PÁGINA 6



2º CADERNO

Um tributo essencial para a 'Madrinha'

Divulgação



Projeto Sambabook
chega à sua sexta edição
resgatando a obra de
Beth Carvalho, uma das
grandes vozes do samba e
descobridora de talentos

Por Affonso Nunes

Beth Carvalho (1946-2019) foi uma das artistas mais importantes da música brasileira, tanto por sua voz marcante e interpretações inesquecíveis quanto por seu papel fundamental na valorização do samba e no lançamento de novos talentos. Com um olhar atento às raízes do gênero, ajudou a projetar nomes que se tornaram referências no cenário musical. Seu legado segue vivo e agora é celebrado na sexta edição do Sambabook, a maior plataforma de conteúdo dedicada ao samba e que chega à sexta edição com uma homenagem à mais que saudosa Madrinha do Samba.

O álbum digital "Sambabook Beth Carvalho" (Musickeria) estará disponível nas plataformas a partir desta quinta-feira, mesma data de estreia do audiovisual com 26 faixas no canal oficial do Sambabook no YouTube.

Criado pela Musickeria em 2011, o projeto já nasceu como uma iniciativa multiplataforma e transmídia, que incluem um caderno de partituras, com transcrição dos arranjos originais dos sambas; ambiente na web, com portal e redes sociais, além da biografia "Uma vida pelo samba", escrita pelo jornalista e pesquisador Rodrigo Faour (com orelha de Elisa Lucinda e quarta página do Martinho da Vila). As edições anteriores celebraram as obras musicais de João Nogueira (1941-2000), Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Dona Ivone Lara (1921-2018) e Jorge Aragão, reunindo grandes intérpretes em gravações exclusivas. **Continua na página seguinte**

A carismática Beth Carvalho gravou mais de 30 discos e foi uma das intérpretes de samba mais respeitadas da MPB. Vinte e seis faixas de sua rica discografia são regravadas por nomes de peso no Sambabook em sua homenagem



Washington Possato/Divulgação

Divulgação Ambev



Zeca Pagodinho e a sua madrinha Beth Carvalho num camarote do sambódromo no Carnaval de 2012

O Sambabook Beth Carvalho reúne nomes de diferentes gerações e estilos, como Zeca Pagodinho e Jorge Aragão, homenageados em edições anteriores. Sombrinha e integrantes do Fundo de Quintal, velhos amigos da cantora, se juntam a artistas consagrados e novas vozes do samba e do pagode, como Leci Brandão, Xande de Pilares, Teresa Cristina, Diogo Nogueira, Péricles, Arlindinho, Ferrugem, Mumuzinho, Marina Iris, Prettos, Mosquito e Lu Carvalho.

Certamente o mais famoso afilhado da “Madrinha do Samba”, Zeca Pagodinho tinha que ser presença obrigatória neste Sambabook. Perguntado sobre a sensação de gravar neste trabalho, rebobinou sua relação com Beth. “Passou um filme muito grande na cabeça, eu lembrei de muita coisa. A gente desfilando no Cacique.... O Cacique era uma fábrica de músicos, sambistas e compositores. De uma poesia sem tamanho. Aí, um dia apareceu a Beth por lá: eu cantei o ‘Camarão Que Dorme a Onda Leva’, minha, do Arlindo e do Beto Sem Braço, e ela adorou, coisa e tal... A música entrou pro repertório do disco dela e lá eu fui ao estúdio, assistir a gravação. Aí, a Beth disse: ‘você vai cantar comigo?’. Eu falei, mas eu não canto. Ela falou, ‘que não canta o quê? Vai cantar, sim... me botaram num cantinho do estúdio, com um fone - meu sonho era usar aquele fone - e eu gravei. Aí eu falei, agora eu sou artista!’.

O elenco do álbum se expande para

Um elenco de peso dentro e fora do samba

além das fronteiras do samba, com participações de Fagner, Maria Rita, Seu Jorge, Paula Lima, Luciana Mello, Zélia Duncan, Luedji Luna e Agnes Nunes. Luana Carvalho, filha de Beth, acompanhada pelos Golden Boys, recria “Andança”, clássico lançado por sua mãe em 1968 durante o III Festival Internacional da Canção. O projeto inclui ainda versões instrumentais assinadas por Gabriel Grossi, Hamilton de Holanda, Nicolas Krassik, Marcelinho Moreira e Rildo Hora.

Afonso Carvalho, idealizador e dire-

tor artístico do Sambabook, destaca a relevância do projeto. “O Sambabook reúne um time de excelência. Nesta edição, trouxemos também músicos que integraram a banda da Beth”. Sobre a escolha de Beth Carvalho como homenageada, ele ressalta: “Ao prestar tributo a Beth, homenageamos também os compositores que ela resgatou, gravou e revelou ao Brasil”.

O projeto é apresentado pelo Ministério da Cultura e Rede, com patrocínio master da Caixa Residencial e Chevrolet Consórcio. Conta ainda com o apoio de

O REPERTÓRIO COMPLETO E SEUS INTERPRETES

- ▶▶ **Andança** - Luana Carvalho, Golden Boys
- ▶▶ **A chuva cai** - Zeca Pagodinho
- ▶▶ **Folhas Secas** - Luedji Luna
- ▶▶ **1800 Colinas** - Xande de Pilares
- ▶▶ **Saco de Feijão** - Teresa Cristina
- ▶▶ **Ainda é Tempo pra Ser Feliz** - Seu Jorge, Maria Rita
- ▶▶ **As Rosas Não Falam** - Agnes Nunes
- ▶▶ **O Mundo é Um Moínho** - Fagner
- ▶▶ **Pedaço de Ilusão** - Jorge Aragão
- ▶▶ **Goiabada Cascão** - Zélia Duncan
- ▶▶ **Malandro Sou Eu** - Diogo Nogueira
- ▶▶ **Fogo de Saudade** - Péricles
- ▶▶ **Camarão Que Dorme A Onda Leva** - Lu Carvalho e Mosquito
- ▶▶ **Sem Ataque, Sem Defesa** - Arlindinho
- ▶▶ **Saco de Feijão / Corda no Pescoço / Saudades da Guanabara** - Hamilton de Holanda, Nicolas Krassik, Gabriel Grossi, Marcelinho Moreira
- ▶▶ **O Show Tem Que Continuar** - Sombrinha
- ▶▶ **Doce Refúgio** - Mumuzinho
- ▶▶ **Samba de Arerê** - Leci Brandão
- ▶▶ **Água de chuva no mar** - Ferrugem
- ▶▶ **Não quero saber mais dela** - Prettos
- ▶▶ **Samba no Quintal** - Grupo Fundo de Quintal
- ▶▶ **Firme e Forte** - Luciana Mello
- ▶▶ **Vou Festejar** - Paula Lima
- ▶▶ **Nas Veias Do Brasil** - Marina Iris e Bateria da Mangueira
- ▶▶ **Coisinha do Pai** - Todos os artistas participantes
- ▶▶ **Bônus** - Rildo Hora

Energia Pecem e Laboratório Cristália.

A partir de 8 de maio, o “Sambabook Beth Carvalho” será levado aos palcos em diversas capitais. A turnê começa em São Paulo, no Vibra SP, e segue para o Rio com apresentação no Vivo Rio no dia 15 de maio. Os shows contarão com a Banda da Madrinha, formada por músicos que acompanharam Beth Carvalho, além de artistas como Arlindinho, Sombrinha, Paula Lima, Lu Carvalho, Marina Iris e Prettos. As datas atualizadas estarão disponíveis nos perfis do Sambabook nas redes sociais.

Marcelo Castello Branco/Divulgação

Negra música negra

Marcel Powell viaja pelo cancionero de grandes nomes da MPB nesta quinta no Rival Petrobras

Por **Affonso Nunes**

Marcel Powell sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras no dia 3 de abril para apresentar “Musicalidade Negra”, seu mais recente espetáculo. Com mais de três décadas de trajetória como violonista e compositor, ele propõe uma viagem pela obra de grandes nomes da música brasileira, destacando a contribuição de artistas negros e explorando, por meio da sonoridade, reflexões sobre racismo e identidade cultural. A cantora, compositora e instrumentista Nilze

Carvalho participa da apresentação, acrescentando sua voz ao tributo.

No repertório, Marcel revisita clássicos como “O Mem do Mar”, de Dorival Caymmi; “Estácio Holly Estácio”, de Luiz Melodia; “Consolação”, parceria de seu pai, Baden Powell, e Vinicius de Moraes; “Travessia”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, além de “Lamento Sertanejo”, de Gilberto Gil e Dominginhos; e “Eu e a Brisa”, de Johnny Alf. Para renovar essas obras, o músico cria novos arranjos para violão solo, conferindo uma leitura contemporânea às composições. Nilze Carvalho, por



Marcel Powell revisita clássicos de seu pai, de Dorival Caymmi, Milton, Gilberto Gil, Dona Ivone Lara e Johnny Alf, entre outros

sua vez, interpreta sambas como “Doces recordações”, de Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho, e “Refém da Solidão”, de Baden Powell e Paulo César Pinheiro.

Criado em um ambiente em que o choro e o samba eram parte do cotidiano, Marcel Powell cresceu cercado por referências musicais que moldaram sua identidade artística. Filho de um dos maiores

violonistas do mundo, ele carrega no nome uma linhagem marcada pela música, que remonta a seu bisavô Vicente Tomás de Aquino, maestro pioneiro no interior fluminense. Aquino foi responsável por formar a “Orquestra Negra”, um conjunto composto exclusivamente por músicos negros escravizados, iniciativa singular em sua época. Esse legado se reflete no trabalho de Marcel,

que, ao longo dos anos, consolidou sua própria assinatura como instrumentista e intérprete.

SERVIÇO

MARCEL POWELL - MUSICALIDADE NEGRA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
3/4, às 19h30
Ingressos entre R\$ 42 e R\$ 120

Sete Cabeças desplugadas

Projeto liderado por Charles Gavin recria o clima dos álbuns da série ‘Acústico MTV’

O Sete Cabeças, projeto de Charles Gavin, leva ao Blue Note Rio nesta quinta-feira (3) o show “Revisitando Acústicos”. Criado pelo coletivo, o projeto resgata os repertórios e sonoridades dos principais discos do formato Acústico MTV, responsáveis por marcar gerações entre os anos 1990 e 2000. Desde 2022, o grupo tem levado ao palco sucessos e canções emblemáticas, incluindo faixas dos Acústicos de Cássia Eller, Rita Lee e Titãs, lançados em 2001, 1998 e 1997, respectivamente.

A ideia surgiu no início de 2022, quando os shows começaram a ser retomados. “Senti vontade de resgatar um repertório que proporcionasse momentos de leveza, alegria e felicidade. Diante disso, a lembrança dos Acústicos MTV se fez mais presente do que nunca. Na sequência, pensei em Luiz Brasil e no incrível ‘Acústico Cássia Eller’, um álbum fantástico, produzido por ele e Nando Reis”, conta Gavin.

Assim nasceu um coletivo de músicos cariocas de diferentes trajetórias, unidos pela proposta de



Charles Gavin (ao centro) e colegas do Sete Cabeças

revisitar, com autenticidade, canções que fazem parte do imaginário afetivo do público. A missão era recriar a sonoridade característica dos Acústicos MTV, o que guiou a formação do grupo, batizado de Sete Cabeças.

O time reúne Cris Caffarelli (teclados, violão e vocais), Daniela Spielmann (sopros), Pedro Coelho (baixo e vocais) e Felipe Ventura (violino, guitarra e violão). O repertório escolhido contempla os Acústicos de Cássia Eller, Rita Lee e Titãs, com Luiz

Brasil adaptando os arranjos. Para os vocais, a busca levou meses até que o produtor Felipe Rodarte sugerisse Drenna, que rapidamente assimilou as canções e completou o septeto.

O show traz 16 canções, sendo 15 extraídas dos álbuns revisitados e uma inclusão especial: “Mamãe Natureza”, pela importância na obra de Rita Lee Jones. O espetáculo ainda destaca a conexão entre os artistas, já que os Titãs participaram do Acústico de Rita Lee em “Papai, Me Empresta o Carro”, enquanto Rita e Roberto de Carvalho gravaram “Televisão” para o Acústico dos Titãs. (A.N.)

SERVIÇO

SETE CABEÇAS - REVISTANDO ACÚSTICOS

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
3/4, às 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Enquanto buscava os primeiros holofotes de uma carreira mundialmente premiada, no início da década de 1980, o milanês Marco Tullio Giordana viu o cinema de sua pátria – um país que gerou Rossellini, Fellini, Antonioni, Lina Wertmüller e mais uma tonelada de titãs da direção – entrar numa entressafra audiovisual. As ideias estavam lá. Já os meios de produção (sobretudo o dinheiro) começaram escassear, indo para a TV, deixando cineastas míticos de outrora em apuros.

Ainda assim, o ganhador do Leopardo de Ouro por “Maledetti Vi Amerò” (conhecido internacionalmente como “To Love the Damned”), em 1980, não foi abalada por crises e seguiu filmando. Sua trajetória de 45 anos de arte justifica sua presença no Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, conhecido e celebrado apenas como Bafici. No sábado, seu legado ilumina as telas da Argentina com uma projeção de gala de “La Vita Accanto”, seu mais recente exercício autoral.

“A Itália construiu sua relevância nas telas por filmes que não se submetiam a fórmulas, sem se render aos algoritmos, que reinam nos tempos de hoje. O algoritmo é o contrário da poesia, pois quando percebemos as fórmulas, a essência se perde”, disse Giordana ao Correio da Manhã, via Zoom. “Hoje, eu vejo o público do audiovisual preso em soluções formulaicas, confinado a uma ideia estúpida de controle. O futuro do cinema só será viável quando o olhar de quem dirige se libertar de convenções”.

Fã do Brasil, Giordana tem em seu currículo cults como “Os Cem Passos” (Melhor Roteiro no Festival de Veneza em 2000) e o épico “O Melhor da Juventude” (Prêmio de Júri Popular no Festival de Roterdã de 2004). Ano passado, visitou Locarno para receber uma láurea honorária pelo conjunto de sua obra. Lançou “La Vita Accanto” por lá. Agora, almeja conhecer a reação da cinefilia argentina diante



Marco Tullio Giordana com o troféu honorário do Festival de Locarno

Resiliência autoral

Herdeiro dos titãs da Itália dos anos 1940, 50 e 60, Marco Tullio Giordana leva às telas do Bafici, na Argentina, um drama familiar chamado ‘La Vita Accanto’, criado sob a bênção de Marco Bellocchio



Na base de ‘La Vita Accanto’ há um roteiro assinado pelo aclamado diretor Marco Bellocchio

de uma trama familiar de perdas e de reinvenções.

“É um filme sobre quatro solidões que correm em paralelo, presas numa armadilha afetiva da qual não se pode fugir”, explica Giordana. “O código de sangue que as une

parece ampliar as angústias daquela redoma sentimental onde estão confinadas. A escolha de ter personagens gêmeos me dá a chance de ampliar o tema da cumplicidade dentro de uma narrativa sobre pessoas que buscam uma conexão.

Aprendi com o cinema de Luchino Visconti, e seus filmes magníficos, a contar o máximo possível sobre a condição humana ao me centrar na cumplicidade”.

Na base de “La Vita Accanto” há um roteiro assinado pelo aclamado diretor Marco Bellocchio, de “O Sequestro do Papa” (2023) e “De Punhos Cerrados” (1965). A trama que encantou os olhos de Locarno narra a dor de uma jovem rejeitada pela mãe ao nascer com uma marca de nascença que se transforma numa pianista ao seguir os passos de sua tia musicista.

“Esse projeto nasce de um romance de Mariapia Veladiano e Bellocchio queria filmá-lo há muito tempo. Ele chegou a fazer uma versão do roteiro, tentou rodá-la, mas acabou desistindo. Quando

ele me mostrou o script, eu gostei muito do que li e ele se propôs a me produzir. Na ocasião, ele falou: ‘Meta a mão no que escrevi e faça do seu jeito, siga o seu próprio caminho’. Quando vi o filme em Locarno, percebi que fiz algo completamente diferente do que ele fazia”, diz Giordana. “A experiência de ser produzido por um artista, sobretudo alguém do porte de Bellocchio, é algo singular, por que você sente estar trabalhando com alguém que pensa na arte em primeiro plano e, não, no orçamento, nas contas”.

Vai ter Bafici até o dia 13. Atenção a que se fez de melhor na Europa, na Ásia e na África, o radar da direção artística do evento portenho (assinado por Javier Porta Fouz) apitou diante da chance de exibir o aclamado “O Ano Novo Que Nunca Veio”, de Bogdan Muresanu (Romênia), em sua seleção oficial. Foi dele o prêmio principal da mostra Horizontes do Festival de Veneza do ano passado. Seu enredo se passa em 20 de dezembro de 1989, quando o povo romeno se encontra à beira de uma revolução. As ruas estão repletas de manifestações, os estudantes tripudiam do regime por meio da arte e as apresentações de réveillon glorificam a figura do ditador Nicolae Ceausescu. Ao mesmo tempo, no desconforto das casas sem aquecimento, famílias enfrentam conflitos pessoais. Esse turbilhão redesenha caminhos... e afetos.

Ainda no pacote Bafici 2025 entram: “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro (Brasil); “Voyage Au Bord De La Guerre”, de Antonin Peretjatko, e “Les Barbares”, de Julie Delpy (França); o ganhador da Concha de Ouro “Tardes de Soledad”, de Albert Serra (Espanha); “Levados Pelas Marés”, de Jia Zhang-ke (China); “Misty – A História de Erroll Garner”, de Georges Gachot (Suíça); “Spermageddon”, de Tommy Wirkola e Rasmus A. Sivertsen (Noruega); “La Vita Accanto”, de Marco Tullio Giordana (Itália); “Reflet Dans Un Diamant Mort”, de Hélène Cattet e Bruno Forzani (Bélgica); e (o estonteante) “Pai Nosso - Os Últimos Dias”, de Salazar de José Filipe Costa (Portugal).

LIFF/Divulgação

Divulgação



Tahar Rahim, de 'O Profeta', interpreta o bardo da canção romântica da França: 'Monsieur Aznavour' vendeu 2 milhões de ingressos desde a estreia

Para sempre Aznavour

Campeão de bilheteria na França, cinebiografia do rouxinol franco-armeno se espalha Europa adentro com Tahar Rahim em atuação seminal, em trama que revê ícones como Edith Piaf e Charles Trenet

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Com 2 milhões de ingressos vendidos ao longo dos três meses de sua carreira comercial nas salas de projeção francesa, "Monsieur Aznavour" inicia agora uma trajetória pelas telas do Velho Mundo – já com as Américas no radar – com fôlego para renovar a rentabilidade do cinema europeu planeta adentro. O ator Tahar Rahim, revelado em 2009 com "O Profeta", é seu protagonista e soma novos elogios a cada pouco

dessa produção baseada nos feitos e no canto de Shahnur Vaghinak Aznavourian (1924-2018), celebrizado entre nós como Charles Aznavour.

Na direção, a dupla de cineastas Mehdi Idir e Grand Corps Malade, responsáveis também pelo roteiro, acompanham a transformação de um jovem de origem armênia sem eira nem beira num ídolo mundial, sob os acordes de hits que ganharam tímpanos, via rádio, numa escala planetária. "La Bohème" e "Emmenez-moi" estão entre as baladas mais famosas de uma trilha que faz plateias suspirarem.

Numa interpretação comovente, o próprio Rahim canta "Les Comédiens", "Mé Qué Mé Que" e "Trousse Chemise".

Aznavour em pessoa facilitou a vida dos realizadores e do astro. Além de ter emprestado seu carisma a François Truffaut (em "Atirem No Pianista") e Atom Egoyan ("Ararat"), ele filmou-se muito, não num ato de vaidade, mas num empenho de inventariar suas andanças e conquistas para que as intolerâncias de um continente assolado pela xenofobia não apagassem tudo o que experimentou. Por isso, entre viagens pela África, a Ásia e os

EUA, em meio a amores que vão e amadas que ficam, no fluxo do reencontro com suas origens na Armênia, o rouxinol francófono sempre teve uma filmadora consigo. Registrou, ao longo de 34 anos, os bastidores de uma vida dedicada ao prazer de cantar... e à arte de saber viver. Esses registros foram feitos numa câmera Paillard-Bolex recebida como um presente na época em que se apresentava com Édith Piaf (1915-1963). A diva da voz está em "Monsieur Aznavour", interpretada por Marie-Julie Baup. Outro canário belga da França, Charles Trenet (1913-2001), aparece em cena também, vivido por Dimitri Michelsen.

A maior parte desse material filmado por Aznavour foi reunido e decantado pelo cineasta Marc di Domenico, na década passada. Reunidos e analisados frame a frame, eles se tornaram a argamassa de um (belo) documentário, lançado na Europa em 2019. Num gesto de generosidade digna de grandes artistas, Marc definiu "Le Regard de Charles" como "um filme de Aznavour realizado por Domenico".

Em 2017, Aznavour veio ao Brasil para um par de shows, realizados em São Paulo (no Espaço das Américas) e no RJ (no Vivo

Rio). Na ocasião, ele concedeu uma entrevista ao Correio da Manhã, na qual refletiu sobre sua longa aposta nas melodias de "Que C'est Triste Venise" e "Et Pourtant". Poucos antes, em 2015, lançou seu último álbum, "Encores", com faixas de dar nó na melancolia como "Des Ténèbres À La Lumière", "Et Moi Je Reste Là" e "Mon Amour Je Porte En Moi".

"Passei toda uma vida a cantar aquilo que os corações desejam, numa mistura do que poderia ser combativo com hinos românticos", disse Aznavour numa de suas últimas entrevistas, dada ao Correio há cerca de sete anos. "Desde o início da década de 1950, quando gravei meu primeiro álbum, o meu repertório se construiu sob a certeza de que você não pode impor uma tendência ao público. Um sucesso se cria pelo gosto e pelo afeto das multidões. Se não for assim, nenhuma canção se immortaliza. Com frequência, as minhas canções que melhor foram aceitas falam de romantismo, como 'She' ou 'Venecia Sin Ti'. Elas traduzem o benquerer. Neste mundo cínico e materialista em que vivemos, os sentimentos ainda são capazes de tocar as pessoas. A arte povoa a minha cabeça para expressar emoções".

Por Alessandra Martinelli
(Folhapress)

Quando pintou o cabelo de vermelho, o sol nasceu na cabeça de Rita Lee - ou, em suas palavras, “o ruivo veio com o fogo no rabo, dedo no cu e gritaria”. Aquele calor ajudou a parir “Fruto Proibido”, disco que incendiou a música brasileira nos anos 1970 e provou, de uma vez por todas, que o rock se faz também com útero e ovários.

Aos 71 anos e com os cabelos brancos, Rita estava com a lua na cabeça. “A gente não tá pronto para ficar velho. Agora eu fico no meu mundinho, pequenininho, mas grande aos olhos de Deus, com meus bichos. Essa é a fase mais feliz da minha vida”, disse ela, em sua última entrevista em vídeo, inédita até o momento e, agora, parte do filme “Ritas”, que abre a 30ª edição do Festival É Tudo Verdade, o maior evento de documentários do país, em cartaz no Rio e em São Paulo

Dirigido por Oswaldo Santana, o longa-metragem costura a gravação de 2018 a entrevistas dadas por Rita ao longo da vida e a vídeos caseiros gravados por ela durante a pandemia, quando já tinha recebido o diagnóstico de câncer no pulmão, doença que a levou à morte em maio de 2023.

Quando o filme começou a ser gravado, há sete anos, a ideia era levar a velhice de Rita às telas, fase de sua vida que ficou de fora do documentário “Rita Lee: Ovelha Negra”, de 2007, dirigido por Roberto de Oliveira.

“Tenho certa inveja de quem morre”, diz ela, em “Ritas”, depois de mostrar um altar com miniaturas de James Dean, Elvis Presley, Hebe Camargo, o E.T. de Steven Spielberg e muitos, muitos santos católicos. O emaranhado de personalidades e personagens parece uma síntese da indústria cultural, referenciada e zombada por Rita em toda sua carreira.

“Nenhum assunto é tabu para ela. Acho que essa palavra não existia em seu vocabulário”, diz Santana. O diretor conta que a

família, que inclui Roberto de Carvalho, marido de Rita de uma vida inteira, e os filhos Beto, João e Antônio, participaram da escolha dos materiais para o longa.

Além das imagens de arquivo e entrevistas antigas, Roberto aparece em uma gravação feita pela própria Rita, enquanto cuidava do jardim de sua casa. O filme intercala cenas assim, íntimas, como quando a cantora dá requieirão aos seus três gatos, com depoimentos seus sobre sua própria trajetória.

Ela lembra, por exemplo, como foi expulsa dos Mutantes. A única mulher da banda, ela queria debochar mais, mas eles levavam

o rock muito a sério, dizia. Em 1972, ao chegar na chácara que costumavam alugar para ensaiar, sentiu que o clima estava pesado - chegou a se perguntar se era uma “bad trip”, ou viagem ruim, expressão usada para classificar quando as drogas causam efeitos colaterais incômodos. Mas logo os companheiros, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias, avisaram que ela estava fora da banda.

Sofreu muito, retornou para a casa dos pais e voltou a compor sozinha. Pintou o cabelo de vermelho. Fez “Mamãe Natureza”, primeira música pós-Mutantes, que, ao ser cantada no palco, vinha

acompanhada de pedidos pela salvação da Amazônia, dos indígenas e do povo brasileiro, em plena ditadura militar.

Antes do icônico “Fruto Proibido”, o Tutti Frutti, grupo no qual entraria em seguida, chegou a fazer outro disco, nunca lançado por causa do uso excessivo do LSD, segundo ela. “Era muito ruim”, afirma

Rita então foi chamada para uma reunião na Phillips, gravadora da banda na época. “Era uma mesa imensa, rodeada de machos de terno e gravata, todos olhando para mim”, lembra ela na gravação. Eles, então, começaram a ditar



Rita Lee em depoimento ao cineasta Oswaldo Santana no documentário ‘Ritas’

Com a palavra, A RAINHA DO ROCK

Documentário de Oswaldo Santana costura entrevistas de Rita Lee ao longo da vida e traz depoimentos inéditos da cantora em sua última fase da vida

Divulgação

quais músicas ela deveria tocar e o que deveria fazer para chegar ao sucesso.

Rita não conteve a irreverência. “Eu me levantei da mesa, falei ‘olha, vocês vão tomar no cu, eu vou fumar um baseado no banheiro porque já tô de saco cheio de vocês, então tchau, até logo, vão se foder.’” Foi expulsa da gravadora e, logo em seguida, o Tutti Frutti foi convidado a assinar com a Som Livre. O resultado foi “Fruto Proibido”.

“Rita e eu no começo éramos uma pessoa só. Fomos ao colégio juntas, cabulávamos aula para jogar boliche, demos o primeiro beijo. No ginásio, fiz uma banda só de meninas, a Teenage Singers. Daí ela começou a se enviesar mais pela música, e eu fiquei na coxíla”, diz ela em determinado momento, ao lembrar a infância nos anos 1950, quando o pai dava lança perfume às filhas para comemorar cada vitória do Corinthians. Os vários personagens que criou durante a carreira, à la David Bowie, falavam quando ela não conseguia.

No Rio de Janeiro, outro filme que faz um retrato íntimo de uma importante artista brasileira, assim como “Ritas”, abrirá o festival no Rio de Janeiro. “Viva Marília”, de Zelito Viana, também costura entrevistas e imagens de arquivo inéditas para contar a história da atriz Marília Pêra, uma das grandes divas do teatro e da televisão brasileira.

“Ela cantava como Dalva de Oliveira, atuava como Fernanda Montenegro e dançava como uma bailarina do Theatro Municipal”, diz Viana. “Ela tinha consciência de que era imortal.”

Outras biografias de artistas que integram a seleção do festival são “Lan - O Cartunista”, sobre Lanfranco Vaselli, um dos desenhistas mais importantes da América Latina, e “Brusky - Um Autorretrato”, que investiga a trajetória do artista pernambucano. A safra internacional traz ainda filmes inéditos no Brasil sobre o mestre do cinema, Charlie Chaplin, a escritora Edna O’Brien, e o cineasta holandês Jan Teunissen, que foi chefe do departamento de cinema do partido nazista.

Os desafios dos relacionamentos numa tragicomédia em quatro atos

Patrycia Travassos e Du Moscovis voltam aos palcos cariocas depois de lotar salas Brasil afora com 'Duetos', do consagrado autor britânico Peter Quilter

Depois de percorrer o Brasil com grande sucesso, "Duetos", texto do dramaturgo britânico Peter Quilter, retorna ao Rio para uma curtíssima temporada no Teatro Riacheulo. Com direção de Ernesto Piccolo, o espetáculo, estrelado por Patrycia Travassos e Eduardo Moscovis, já foi visto por mais de 100 mil pessoas e passou por 12 capitais, sempre com lotação esgotada.

Encenada em mais de 20 países e traduzida para 10 idiomas, a peça apresenta, com humor, os desafios dos relacionamentos modernos. Em quatro histórias independentes, um homem e uma mulher enfrentam suas próprias inseguranças, desejos e a busca pelo amor, lidando com a solidão de maneiras inesperadas.

"No fundo, o tema central é a solidão, tratada de um jeito divertido. Mostramos as diferentes formas que as pessoas encontram para amenizar essa sensação. É como uma lente de aumento sobre essas situações, uma sátira", explica Ernesto Piccolo.

O texto original de Quilter sofreu algumas alterações visando o perfil do público brasileiro, como destaca Patrycia Travassos. "O texto era muito longo pro humor do Brasil, tinha duas horas e meia. Ia precisar de um intervalo e o público no Brasil não está acos-



Lina Sumizono/Divulgação

Em 'Quase Casados', Jane (Patrycia Travassos) prepara uma festa de aniversário para seu chefe Ary (Du Moscovis) na esperança de seduzi-lo embora este não se interesse por mulheres

tumado a intervalo, ainda mais em comédia", explica. "Fizemos alguns cortes, mas foi uma coisa muito orgânica, que aconteceu em cena. A dramaturgia continua toda lá, todas as situações. Mexemos um pouco nos diálogos. Até hoje na verdade a gente adapta."

"São personagens muito bem construídos", opina Moscovis, que faz em "Duetos" sua estreia em espetáculos teatrais de comédia. "O texto faz graça sem cair no estereótipo, na caricatura. E faz as pessoas rirem, porque todo mundo se identifica. É a gente rindo

da gente mesmo. Tem uma nota de tragicomédia também. Em várias situações, me dá a impressão de que estamos visitando o cinema argentino, alguma coisa parecida com 'Relatos Selvagens'."

No primeiro quadro, "Encontro às Cegas", Jonathan e Wanda se conhecem por meio de um aplicativo de relacionamentos. Ambos querem causar uma boa impressão, mas a noite se desenrola de forma inusitada.

Em "Quase Casados", Jane organiza uma festa de aniversário para Ary, seu chefe, e vê nele um possível marido, apesar de ele não se interessar por mulheres. Ela insiste na ideia, acreditando que tudo pode mudar.

"Divórcio Amigável" traz Shirley e Beto em férias na Espanha para formalizar o divórcio. Entre brindes e lembranças, percebem que ainda há questões não resolvidas entre eles.

A última história, "Mais Uma Vez Noiva", acompanha Angela em seu terceiro casamento, para desgosto de Tobias, seu irmão. Às vésperas da cerimônia, uma série de imprevistos a faz questionar sua decisão.

"Gosto muito de comédia, tanto de assistir quanto de atuar. Aqui, temos quatro histórias, cada uma com personagens bem distintos, o que torna tudo ainda mais interessante. Apesar do tom engraçado, o texto trata de emoções muito humanas. Precisamos rir, mais do que nunca", comenta Patrycia Travassos.

Eduardo Moscovis destaca a qualidade do texto de Quilter e sua habilidade para retratar relações de forma envolvente. "Peter Quilter é um grande autor. Sua peça 'End of the Rainbow', sobre Judy Garland, inspirou o filme 'Judy', vencedor do Oscar em 2020. Em 'Duetos', ele apresenta situações hilárias e ao mesmo tempo muito próximas da realidade", afirma o ator.

Peter Quilter é um dramaturgo britânico conhecido por suas peças de comédia e musicais. Suas obras já foram encenadas em mais de 40 países e traduzidas para diversos idiomas. Entre seus trabalhos mais famosos estão "End of the Rainbow", que narra os últimos anos de Judy Garland, e "Glorious!", baseado na vida da cantora Florence Foster Jenkins. Seu estilo mescla humor e emoção, explorando de forma cativante os dramas e dilemas humanos.

SERVIÇO

DUETOS
Teatro Riacheulo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)
Até 13/4, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)
Ingressos entre R\$ 39,50 e R\$ 140

Francisco Moreira da Costa/Divulgação



As peças de Rosana Pereira fundem gente e bicho no mesmo corpo, ora em cenas corriqueiras da vida real, ora em atmosferas românticas

Delírios nascidos do barro

Exposição da artista Rosana Pereira traz cerâmicas do Vale do Jequitinhonha

Por Affonso Nunes

Rosana Pereira nasceu no Vale do Jequitinhonha e carrega no barro a herança de sua família. Representante da terceira geração de ceramistas, ela cria esculturas figurativas que integram coleções públicas e privadas voltadas à produção popular no Brasil. O Centro Nacional de Folclore e Cultura

Popular do Iphan, no Catete, inaugura a programação de 2025 do Sala do Artista Popular (SAP) com a exposição individual “Fantástico Feminino: A Arte de Rosana Pereira”.

A mostra traz peças inéditas da artista, que mesclam figuras humanas e animais em composições carregadas de humor, ora inspiradas no cotidiano, ora envoltas em atmosferas românticas. A entrada é gratuita, e o público

tem acesso a um catálogo produzido especialmente para a exposição. Todas as obras estão à venda.

Acompanhando pessoalmente a montagem da exposição, Rosana deixou sua marca ao estampar flores com as próprias mãos nos módulos da galeria. “Mostrar meu trabalho no Rio é uma grande oportunidade”, afirma. Sua família vive no povoado de Córrego Santo Antônio (MG). Desde

a infância, modela o barro, primeiro como brincadeira, depois como ofício. “Mesmo pequena, já vendia o que criava nas feiras”, recorda. Ao visitar o acervo do CNFCP, surpreendeu-se ao encontrar uma peça feita ainda na infância. “Jamais poderia imaginar”, diz. A visita ao Rio foi breve, mas sua obra segue em exibição até 18 de maio.

Mãe de Nicole, Mariela e Joaquim, de 14, 6 e 3 anos, Rosana

conta que os filhos costumam modelar barro enquanto ela trabalha. Aos 36 anos, diz que a fusão entre figuras humanas e animais surgiu por acaso, como uma forma de diferenciar seu trabalho. Embora conviva com cães e gatos, é da imaginação que extrai suas criações. Entre suas peças, há noivas carregando noivos, casais conversando e crianças brincando. Pouco afeita a conversas extensas, transfere para suas esculturas um olhar bem-humorado

sobre a vida. “O que não expresso pessoalmente, coloco nas peças. Muitas vezes, me pego rindo sozinha ao ver um trabalho pronto. É gratificante ver a obra exatamente como imaginei”, diz.

Desde 1983, o programa Sala do Artista Popular incentiva a comercialização do artesanato produzido nos mais diversos cantos do país, reunindo mais de quatro mil artesãos ao longo dos anos. Para Rafael Barros Gomes, diretor do CNFCP, trata-se de uma política cultural de grande impacto. “Há mais de 40 anos, o programa traz artistas e suas obras para exposições no Museu de Folclore Edison Carneiro, que conta com um espaço dedicado à venda dessas produções”, ressalta.

Além de impulsionar o artesanato tradicional em todo o Brasil, o SAP se destaca como uma iniciativa pioneira na formulação de políticas voltadas à preservação e à valorização das práticas artesanais enraizadas nas comunidades brasileiras.

SERVIÇO

FANTÁSTICO FEMININO: A ARTE DE ROSANA PEREIRA
Sala do Artista Popular (Rua do Catete, 179)

Até 18/5, de terça a sexta-feira (10h às 18h) e sábados, domingos e feriados (11h às 17h) | Entrada franca

